



Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Detecção de expressões faciais emocionais no endogrupo e exogrupo  
(pessoas de diferentes raças e géneros)

Mayttê Beatriz Reis da Mota Neto d'Almeida

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Dissertação em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:  
Doutor Francisco Gomes Esteves, Professor Catedrático da Mid Sweden University,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2013

## **Agradecimentos**

Apesar de muito momento de incerteza e ansiedade, foi com imenso prazer que fiz este trabalho. Sendo ele um trabalho individual, não seria possível concretizar sem colaboração e orientação das pessoas que me acompanharam no decorrer de todo processo.

Em especial, agradeço o meu orientador Professor Doutor Francisco Esteves, pela paciência, autonomia, por ter reforçado a minha curiosidade no campo das expressões faciais. A Joana Adrião (minha coorientadora) pela paciência, o carinho foi incansável em prestar-me o apoio. A Helena Santos, Filipa Madeira, pelo incentivo que me davam. A Miryem Medeiros, pela força que me dava todo santo dia, e por nunca me deixar desistir e as longas conversas noturnas. Aos meus colegas de trabalho do hospital de Vila Franca de Xira e Curry Cabral, pela compreensão e disponibilidade em fazer trocas de turnos.

Quero também todas as pessoas que foram incansáveis em apoiar me ao longo destes anos e me ajudaram a desenvolver as minha competências pessoais e profissionais.

Quero dedicar em especial este trabalho aos meus familiares e amigos.

Muito obrigado!



## Resumo

No nosso dia-dia, deparamos com diversas expressões emocionais. Dentro deste vasto leque de expressões emocionais, o que se mais destaca é a expressão facial. Este estudo visa proporcionar respostas ao problema da homogeneidade, ou seja, se as imagens ameaçadoras ou não ameaçadoras (caras zangadas ou alegres) são mais facilmente detetadas dentro ou fora do grupo.

Para tal, foi efetuado um estudo experimental comparando participantes brancos e negros, homens e mulheres, na deteção de caras alegres e zangadas, brancas e negras e de ambos os sexos.

Participaram 116 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos, sendo 52 brancos (homens e mulheres) e 60 negros (homens e mulheres) na sua maioria licenciados e trabalhadores-estudantes.

Os resultados confirmaram a hipótese de enviesamento para melhor deteção de caras ameaçadoras do que alegres, também melhor deteção de caras masculinas do que femininas e de negras do que brancas. Considerando os estereótipos de raça e género, podemos concluir que os participantes foram mais rápidos e eficazes na deteção dos estímulos mais perigosos – caras zangadas, homens e negros.

**Palavras-chaves:** Emoções, Expressões Faciais, Género, Raça, Grupo, Endogrupo, Exogrupo

**Classificação de categorias e código:** 2360 Motivation & Emotion

3020 Group & Interpersonal Processes



## **Abstract**

In our daily lives, we come across various emotional expressions. Within this wide range of emotional expressions, the one that mostly stands out is the facial expression. This study aims to provide answers to the problem of homogeneity, i.e. if threatening or non-threatening images (angry or happy faces) are more easily detected within or outside the group.

For such, an experimental study was performed, comparing white and black participants, men and women, on the detection of happy and angry faces, black and white, from both sexes.

Participants, 116 individuals aged 18 to 44 years, 52 white (men and women) and 60 black (men and women) mostly graduates and working students.

The results confirmed the hypothesis of a bias for better detection of threatening faces than happy, also a better detection of male faces than female, black than white. Considering the stereotypes of race and gender, we can conclude that participants were faster and more efficient in the detection of more dangerous stimuli - angry faces, men and blacks.

**Key words:** Emotions, Facial Expressions, Gender, Races; Groups; Ingroup, Outgroup.

**Classification categories and codes:** 2360 Motivation & Emotion

3020 Group & Interpersonal Processes



## Índice Geral

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I</b>	<b>5</b>
1.1. <i>Emoções e Expressões Faciais</i>	5
1.2. <i>Expressões Faciais</i>	6
1.3. <i>Conceito de Grupo</i>	9
1.4. <i>Raça e Género</i>	12
<b>Capítulo II</b>	<b>15</b>
2.1. <i>Introdução</i>	15
2.2. <i>Objectivos e hipóteses</i>	16
2.3. <i>Método</i>	17
2.3.1. Participantes	17
2.3.2. Plano do estudo	17
2.3.3. Materiais	17
Suporte físico e Programa Utilizado.	17
Estímulos visuais	18
2.3.4. Procedimento	19
2.4. <i>Resultados</i>	20
2.4.1. Tempo de Reação	20
2.4.2. Erros	21
2.4.3. Proximidade, racismo e sexismo	23
2.4.4. Comparação Eu e o endogrupo/exogrupo – proximidade de raça	23
2.4.5. Comparação Eu e o endogrupo/exogrupo – proximidade de género	24
2.4.6. Racismo	25
2.4.7. Sexismo	26
2.5. <i>Discussão / Conclusão</i>	27
<b>Referências</b>	<b>31</b>
<b>Anexos</b>	<b>37</b>



## Índice de Figuras

Figura 2-1. Médias dos tempos de reação (em milésimos de segundo) em função das características das fotos (sexo, raça e expressão emocional).....	21
Figura 2-2. Percentagem de erros em função do sexo e da raça da fotografia. ....	22
Figura 2-3. Percentagem de erros em função do sexo do participante e da emoção da fotografia.....	22

## Índice de Quadros

Quadro 2-1. Estatísticas descritivas e consistência interna.....	23
Quadro 2-2. Proximidade.....	24
Quadro 2-3. Proximidade com género .....	24
Quadro 2-4. Racismo vs Raça.....	25
Quadro 2-5. Racismo vs Género .....	25
Quadro 2-6. Sexismo vs Raça.....	26

## Introdução

No nosso quotidiano deparamos constantemente com diversas manifestações de emoções e de uma maneira geral podemos dizer que as nossas emoções assumem uma enorme importância no nosso processo de adaptação ao mundo em que vivemos (Guerra, 2000).

Sem qualquer exceção, homens e mulheres de todas as idades, de todas as culturas, de todos os graus de instrução e de todos os níveis económicos têm emoções, estão atentos às emoções dos outros, cultivam passatempos que manipulam as suas próprias emoções, e governam as suas vidas, em grande parte, pela procura de uma emoção, a felicidade e pelo evitar das emoções desagradáveis (Damásio, 2004).

As emoções têm sido vistas como epifenómenos da cognição (atenção, percepção, memória), estados fisiológicos (alterações cardiovasculares, alterações metabólicas, alterações musculares), comportamentos expressivos (expressão facial, gestos, olhares, tom de voz), tendências para a ação (catalisador entre o meio e a nossa conduta) ou como resultado de múltiplos processos (Ekman, Levenson & Friesen, 1983).

As emoções geralmente manifestam-se através do rosto. O rosto é um meio de se comunicar e interpretar sentimentos e estados emocionais (Esteves, 1993). O rosto humano é fonte inesgotável de informação sobre o comportamento (Freitas-Magalhães, 2009). A História de Arte ilustra duas características do rosto humano como estímulo psicológico. Primeiro, os rostos constituem um estímulo de máxima importância para discriminar e identificar as pessoas na nossa vida cotidiana. E segundo, o rosto é uma fonte muito importante de comunicação não-verbal, por exemplo, dos nossos estados emocionais (Esteves, 1993).

É evidente que temos um vasto repertório de expressões emocionais, sendo a maior parte delas transmitida pela face. Sorrimos, rimos, choramos, ficamos carrancudos, arreganhamos e rangemos os dentes. Serão alguns destes padrões expressivos os equivalentes humanos dos comportamentos de exibição apresentados por outras espécies? Se assim fosse, as expressões faciais emocionais deveriam ser inatas e comuns a todas as pessoas (Ekman, 1973; Fridlund, Ekman e Oster, 1983 cit. por Gleitman, 2003).

A importância de expressões faciais emocionais na comunicação social não-verbal foi enfatizada por Darwin no seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Integrando expressões faciais numa perspectiva evolutiva, ele enfatizou as características biológicas, inatas de expressões faciais em humanos e outros primatas (Esteves, 1993). Segundo vários autores as expressões faciais correspondem a emoções específicas (por exemplo, feliz, triste, raiva, medo) que são universalmente reconhecidas (Ekman, 1992, 1994; Izard, 1994 cit. por Britton, et al., 2005a). Ekman e colaboradores (1980) demonstraram que as expressões faciais são usadas para julgar o estado emocional dos outros, bem como para apresentar o seu próprio estado emocional.

Um aspecto interessante deste reconhecimento das expressões faciais dos outros é que vários estudos têm demonstrado que somos particularmente bons a detetar e a reagir a expressões de ameaça. Por exemplo caras zangadas são mais facilmente detetadas num conjunto de caras alegres do que o contrário (Öhman, Lundqvist & Esteves, 2001). Por outro lado, é mais fácil associar caras ameaçadoras a respostas de medo do que caras alegres, mesmo na ausência de uma percepção consciente dos estímulos (Esteves, Parra, Dimberg & Öhman, 1994).

Neste trabalho, procuramos averiguar a capacidade de detetar expressões faciais de ameaça em função de pertencer a um determinado grupo. O grupo é um conceito que define um conjunto de pessoas que interagem partilhando uma determinada finalidade e que em resultado disso desenvolvem um conjunto de normas e valores partilhados que estruturam a sua ação coletiva e adquirem consciência de si próprio como membros do grupo (Ferreira, Neves & Caetano, 1996). Vala (1997) simplificou duas grandes tradições na conceptualização do grupo. A primeira refere o grupo como uma forma de interdependência funcional entre os seus membros e alguma estrutura interna, representada pela diferenciação de papéis e estatutos. E na outra mais recente, o conceito de grupo surge associado ao processo de categorização social (representação cognitiva da estrutura social em grupos ou categorias) e ao processo de autocategorização (representação cognitiva do posicionamento do eu nos grupos ou categorias sociais).

Esta dissertação está estruturada em dois capítulos. O primeiro descreve o conceito emoção aprofundando as expressões faciais das emoções, assim como o conceito de grupo, algumas definições, especificando as características. Referimos também a Teoria da Identidade Social (por ex., Tajfel, 1978) de que quanto mais os indivíduos se identificam com o endogrupo mais atraídos se sentirão para os membros endogrupais. E faz-se uma breve

descrição da categorização social e diferenciação social, salientando-se questões relacionado com género e com a raça.

No segundo capítulo é apresentada a parte empírica. A experiência está estruturada em dois blocos: um do treino, constituído por 4 ensaios em que padrões de 6 imagens com expressões faciais neutras são apresentados, e um bloco composto por 96 ensaios que constituem a experiência propriamente dita.

Também foi utilizado um questionário, que está dividido em duas partes. A primeira parte é composta por uma medida não-verbal gráfica da proximidade de uma relação interpessoal da inclusão do self com os outros (IOS) em relação a pessoas brancas e negras. Em seguida, uma escala com sete itens relacionados com racismo, com uma sub-escala de intimidade e uma sub-escala de valores tradicionais. Segue-se uma escala de diferenças culturais com quatro itens. No total foram retirados onze itens do artigo de Pettigrew & Meertens (1995). No fim uma escala de emoções relacionadas com brancos e negros com 8 itens. A segunda parte, também é composta por uma medida não-verbal gráfica da proximidade de uma relação interpessoal da inclusão do self com os outros (IOS) em relação a mulheres e homens, e vinte dois itens que avaliam os estereótipos adotados para cada género (características masculinas e femininas) a respeito das duas dimensões do sexismo: hostil e benevolente, retirado do artigo de Formiga, Golveia e Santos (2002) a uma adaptação para o Brasil do Inventário de Sexismo Ambivalente ISA (Glick & Fiske, 1996).



## Capítulo I

### 1.1. Emoções e Expressões Faciais

No nosso quotidiano, deparamos com diversos tipos de comportamento não-verbal. Mas, o que mais se realça é o das emoções. Ao longo dos anos têm surgido diversas definições para este conceito e várias teorias sobre o fenómeno da emoção têm sido apresentadas, tendo por pano de fundo a ideia de que se trata de uma reação intensa acompanhada de manifestações fisiológicas e psicológicas. Como por exemplo, a teoria de James-Lange que mencionou que a emoção resulta da perceção das alterações fisiológicas provocadas por um estímulo emocional (Vila & Guerra, 2009). O estímulo percebido vai provocar resposta corporal, a qual, por sua vez, desencadeia a emoção experienciada. Segundo esta teoria, os músculos estão relacionados com a expressão das emoções. A teoria de James-Lange, foi criticada mas também aperfeiçoada por Cannon (1927) ao considerar que após o estímulo percebido, verifica-se reação simultânea da resposta corporal e da emoção experienciada.

Outra teoria importante é a de Plutchik (1970 e 1981). No âmbito da teoria psicoevolutiva, a emoção tem duas funções: a primeira é comunicar informação acerca de intenção ou comportamentos prováveis, a segunda é aumentar as hipóteses de sobrevivência quando se enfrentam situações de emergência. A emoção pode ser modificada pelo individuo e é mediadora de uma forma de homeostase do comportamento.

Segundo Lindgren & Byrne (1982) a emoção é caracterizada por certo afastamento do estado geral de equilíbrio de um individuo. Ela é fortemente influenciada por certos acontecimentos do ambiente, pressupondo, geralmente, algum tipo de reação visceral. Outros autores defendem que as emoções são organizadas por reações psicofisiológicas no relacionamento contínuo com o meio ambiente (e.g. Lazarus, 1991). Outros investigadores defendem que num nível mais amplo, traços emocionais referem-se a estilos gerais de resposta emocional que persistem com o contexto e tempo. Não obstante, Romero (2001) diz que a emoção é a consciência de ser atingido psicossomaticamente por um evento, um estímulo-situação, de tal maneira, que o sujeito sente-se envolvido e como que apanhado pela situação.

As emoções facilitam a comunicação ao nível das intenções e das motivações do indivíduo numa interação social e servem para manter a estrutura social e as normas dentro de um grupo (Niedenthal, Krauth-Gruber & Ric, 2006; Parrott, 2004). As pessoas e outros animais respondem às suas emoções com expressões faciais, gestos e ações. Estas expressões parecem ter sido adquiridas em grande parte por observação e imitação (Davidoff, 1983). A emoção tem por função ajudar cada um de nós a ser um pouco mais dos outros e compreender que, afinal, a interação humana não é mais que essa troca de emoção no quotidiano e que funciona como um processo de recompensas pessoais (Freitas-Magalhães, 2009b).

Contudo, no decorrer dos anos, tem surgido diversas investigações (e.g. Ekman, 1996; Ekman, Friesen e Ellsworth, 1972; Frijda, 1986, Neto, 1998) que se caracterizam pelo foco que põem na análise das emoções específicas (por exemplo, raiva, ansiedade, medo, felicidade, amor, tristeza, embaraço, orgulho, vergonha, culpa, ciúme e luto) em detrimento da emoção em geral. Porém, é de salientar que as teorias da emoção provêm também de outras áreas científicas como a filosofia, a história, a sociologia e a antropologia, as quais, à sua maneira, e também realçando o papel da cognição, desenvolvem outros conceitos relativos à identificação e compreensão da emoção. (Freitas-Magalhães, 2003).

## **1.2. Expressões Faciais**

O rosto é uma parte especialmente sensível do corpo. Vemos alegria e tristeza no “brilho” e no “apagado” de uma fisionomia. A apreensão destas mudanças acelera a nossa compreensão dos outros e aumenta a rapidez e a subtileza da interação social (Solomon, 1977).

Um dos primeiros a notar a universalidade das expressões faciais da emoção foi Darwin, que viu no facto uma prova de que as forças da evolução tinham gravado esses sinais no nosso sistema nervoso central (Goleman, 1995).

Charles Darwin (1872), defendeu a hipótese de que existe um conjunto de expressões faciais universais que representam vestígios de padrões adaptativos revelados pelos nossos antepassados. Por exemplo, a nossa cara “zangada”, frequentemente expressa por sobrancelhas baixas, olhos esbugalhados e boca aberta com os dentes expostos, reflete os movimentos faciais que os nossos antepassados terão feito quando lutavam com um

antagonista. De modo semelhante, a nossa cara de “nojo”, usualmente expressa por um nariz franzido e um lábio inferior e língua proeminentes, reflete o modo como os nossos ancestrais rejeitavam odores ou cuspiam a comida (cit in Gleitman, 2003).

Muitas destas mesmas expressões faciais são utilizadas e reconhecidas em muitas culturas, surgem numa idade bastante precoce, e estão patentes em crianças surdas e cegas que não podem tê-las apreendido por observação. Elas devem ser vistas como parte da nossa herança humana genética. (Gleitman, 2003). A capacidade para descodificar e interpretar corretamente as expressões faciais, é fundamental para o êxito do funcionamento social, pois são um bom meio para transmitir os nossos sentimentos, sendo indícios não-verbais pertinentes que orientam os comportamentos interpessoais (Freitas-Magalhães, 2009).

A interação social é crucialmente desenvolvida por expressões faciais de emoções, e esta interação é feita através da capacidade de identificar e distinguir as diferentes emoções, é por si só, uma importante capacidade social que potencia o sujeito a responder de forma empática e a compreender como as suas ações afetam os outros. Portanto, sendo assim, a expressão facial é uma valiosa indicação e orientação de uma interação social (Lacerda 2010).

Tanto é, que alguns estudos interculturais (e.g. Ekman et al 1987) têm mostrado que os membros de diferentes culturas produzem as mesmas expressões faciais ao experimentar emoções distintas, e que a interpretação de algumas expressões emocionais básicas também é universal. Esta universalidade, têm mostrando um padrão consistente sobre diferentes culturas e tempos, tem sido um tema de debate desde Darwin, e alguns pesquisadores têm defendido uma posição de especificidade cultural (e.g., Klineberg, 1940, cit in Esteves, 1993). No entanto, apesar de algumas objecções apresentadas (Fridlund, 1992), algum consenso agora parece ter sido alcançado sobre a universalidade de certas expressões faciais emocionais (Esteves, 1993). Expressões faciais que demonstram emoções específicas (por exemplo, feliz, triste, raiva, medo) são universalmente reconhecidas (Britton, et al., 2006). Há muitas evidências de que as expressões faciais de emoção podem ser detetadas pré-conscientemente e pode influenciar as respostas psicofisiológicas e comportamentais sem a pessoa ter consciência (por exemplo Dimberg & Öhman, 1996; Murphy & Zajonc, 1993; Öhman, Esteves & Soares, 1995).

Presume-se que no processamento da informação visual estão envolvidos os sistemas da atenção, da avaliação emocional e da interação e complementaridade na discriminação da



informação (e.g. Most et al., 2007) e tendo em conta o papel das emoções no comportamento é evidente a influência das mesmas nos processos de atenção seletiva (Raymond, et al.,2005). Emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa (Damásio,2003).

Num estudo desenvolvido por Freitas-Magalhães (2003) averiguou-se que a pele influencia a percepção psicológica do sorriso. A expressividade do sorriso revela que as mulheres são mais influenciadas pela cor da pele quando percebem a exibição de um sorriso. A investigação também demonstrou que a percepção do efeito do sorriso em indivíduos de cor diferente reforça a valorização do endogrupo em relação ao exogrupo e os estereótipos faciais no contexto das regras de exibição social e das teorias da expressão facial da emoção (Freitas-Magalhães, 2003). Ekman e os seus colaboradores descobriram que as expressões emocionais começam a revelar-se em modificações da musculatura facial poucos milésimos de segundo depois do acontecimento que desencadeia a reação, e que as mudanças fisiológicas típicas de uma determinada emoção como um desvio da corrente sanguínea ou o aumento do ritmo cardíaco, demoram também apenas umas escassas frações de segundo a manifestar-se. Esta rapidez é especialmente verdadeira no caso das emoções intensas, como o medo face a uma ameaça súbita. Ekman argumenta que, tecnicamente falando, o pico da emoção é muito breve, dura apenas segundos em vez de minutos, horas ou dias (Ekman,1999).

Geralmente em fração de segundo conseguimos decifrar algumas expressões faciais. A identificação facial é um preditor importante da natureza no processo da interação social. Conhecimento de uma pessoa familiar, incluindo a sua personalidade e os comportamentos do passado, define as expectativas de qualquer encontro futuro. Embora poucos estudos têm investigado o reconhecimento pré-consciente da identidade facial, evidências recentes sugerem que um rosto famoso pode ser reconhecido como indivíduo específico, sem a consciência da identidade facial ou a familiaridade (Stone 2007).

No ponto que se segue abordaremos questões referente ao grupo, algumas definições suas características e algumas teorias relacionadas com este conceito.

### 1.3. Conceito de Grupo

Desde a tenra idade que nos apercebemos que pertencemos a vários grupos. Esta percepção é feita no nosso quotidiano, através da inserção social. Não é necessário ter o contacto direto, para sabermos que pertencemos a determinado grupo. Este conceito de grupo tem sido alvo de muito estudo, dos quais resultaram múltiplas definições. Neste sentido, apresentamos nesta dissertação algumas dessas definições.

Por exemplo, para Zavalloni (1972), o conceito de grupo está associado a um conjunto de elementos que participam na identificação dos seus membros, enquanto Tajfel (1972) situa o grupo num quadro de interdependência, visto que as características que permitem a identificação dos membros dos grupos adquirem o seu significado através da comparação social. Deschamps (1982), por sua vez, não considera que esta interdependência seja equivalente ou simétrica no quadro das relações entre grupos sociais, antes a situa em relação a um universo simbólico comum, que se define as posições relativas dos grupos (citado por Amâncio, 2004).

Nesta ordem de ideia, Sherif e Sherif (1956, citados por Neto, 2000), haviam definido o grupo como sendo, uma unidade social que consiste num número de indivíduos com (mais ou menos) estatuto definido e relações de papel de uns em relação aos outros estabilizadas em certos grau no tempo e que possuem um conjunto de valores ou normas do seu próprio modo de regular o comportamento dos membros individuais, pelo menos em assuntos com consequências para o grupo. Três décadas depois, Johnson e Johnson (1987), dizem que o grupo é constituído por dois ou mais indivíduos em interação face a face, cada um consciente da sua qualidade de membro do grupo, cada um consciente de outros que pertencem ao grupo e cada um consciente das suas interdependências positivas quando se empenham em realizar objetivos mútuos. Para Allport os grupos não são mais do que conjuntos partilhados de valores, de pensamentos, de hábitos que existem simultaneamente nas mentes de várias pessoas. (Neto, 2000).

Para complementar a definição do que é grupo, Vala (1997), baseou-se na definição apresentada por Brown em 1988, que um grupo existe quando dois ou mais indivíduos se percebem como membros da mesma categoria social e quando a existência dessa categoria é reconhecida por pelo menos um outro exterior a essa categoria. Partindo desta definição Vala (1997) associou-a a criação de um grupo a processos socio-cognitivos, nomeadamente ao processo de categorização, e propõe que um grupo existe apenas em relação a outro grupo e

permite abranger no conceito de grupo quer categorias sociais alargadas (categorias sócio-profissionais, de género, etnia, nação etc.), quer pequenos grupos (família, grupos de trabalho, etc.).

Os grupos são ainda vistos como um conjunto de indivíduos que exercem uma influência mútua (Passos, 2011). Por fim, alguns autores salientam a motivação como um elemento diferenciador entre um grupo e um agregado, definindo grupo como um conjunto de indivíduos que procuram satisfazer as suas necessidades pessoais através da associação a outros indivíduos (Passos 2011). Partindo de varias definições acerca de grupo, Neto (2000), conclui que os grupos são definidos muitas vezes por fatores que fazem com que uma coleção de individuo se junte, tais como a interação e a comunicação entre os seus membros, e objetivos partilhados e normas.

Devido à grande diversidade na definição do grupo, e no sentido de clarificar a importância de determinadas características na dinâmica grupal, toma-se importante a classificação dos grupos num conjunto de características, nomeadamente: dimensão, formalização, composição e intimidade (Passos, 2011).

Interessante no nosso caso, é o grau de homogeneidade ou de heterogeneidade de um grupo, tanto no que se refere a características demográficas, sociológicas ou psicológicas, tem também influencia nos processos de interação e, conseqüentemente, no desempenho do grupo.

Passos (2011), refere ainda que uma das distinções mais frequentes entre tipos de grupos é aquela que tem por base a intimidade dos seus membros. Segundo este critério, os grupos podem ser primários ou secundários. Os grupos primários são aqueles em que ocorre contacto pessoal, face a face, como é o caso da família, dos amigos mais próximos, sendo fundamentais para o desenvolvimento dos nossos valores e atitudes. Nos grupos secundários, nos quais o contacto é mais formal e portanto menos pessoal, as relações entre os membros baseia-se em papéis e expectativas definidas. Ao contrário dos grupos primários em que a pertença é muitas vezes um fim em si mesmo, os grupos secundários são percebidos pelos seus membros como uma forma de se atingir um objetivo, pessoal, social ou profissional.

No nosso quotidiano relacionamos com diversos agentes sociais e que acabam por influenciar a nossa identidade social. É imprescindível descrever o grupo sem ter que referir na identidade social. A noção de identidade social baseia-se no simples pressuposto motivacional de que os *indivíduos* (pelo menos na nossa cultura) preferem uma imagem de si

próprio positivo, a uma negativa (Tajfel, 1982). Este conceito é definido como uma parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença (Tajfel, 1983).

Segundo Amâncio (2004) identidade social refere-se, a um envolvimento emocional e cognitivo dos indivíduos no seu grupo de pertença e às consequentes expressões comportamentais desse envolvimento no quadro da relação intergrupos. Esta associada ao conhecimento da pertença aos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo dessa pertença (Tajfel, 1972, citado por Amâncio, 2004). Partindo da noção de pertença, Tajfel (1984), na sua Teoria de Identidade Social, propôs que o indivíduo caracteriza-se a si próprio e aos outros para tornar o mundo social mais significativo e preditivo (Ferreira, 2007).

No entanto Neto (1998) refere que um dos aspetos mais importantes da identidade social de uma pessoa é a sua cultura que tem sido definida como o sistema organizado de significações, perceções e crenças partilhadas por pessoas que pertencem a um grupo particular.

Tajfel (1972) estabelece uma ligação entre categorização social e a identidade social, pelo facto desta está associada ao conhecimento da pertença, evocado pela categorização, o significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença exprimir-se-ia no favoritismo pelo endogrupo em detrimento do outro (Amâncio, 2004).

Segundo Leyens & Yzerbyt (2008) a categorização tem varias funções: a primeira trata-se de uma simplificação das informações: a segunda consiste em evitar pôr em causa a aprendizagem do passado de cada vez que há confronto com uma informação nova; a terceira serve de guia para a ação e por último é a de pôr ordem no ambiente que nos rodeia e dar-lhe um sentido.

Tajfel e Turner salientam que o processo de categorização social permite compreender a construção dos grupos sociais e a identificação com esses grupos, é através do processo de comparação social que os indivíduos aprendem, integram e avaliam as representações sociais que tornam distinta uma categoria de outra categoria, ou que dão sentido a uma dimensão da identidade social (Vala, 2010).

As pessoas muitas vezes tendem a se identificar com o grupo a que pertencem através do favoritismo ou através de características comuns. Avaliamos os membros socialmente desejáveis e socialmente indesejáveis do nosso grupo, de forma, respetivamente, mais

favoráveis e mais desfavorável do que membros semelhantes do exogrupo. Noutros termos, diferenciamos mais entre si os membros «bons» e os membros «maus» no caso de endogrupo do que no caso do exogrupo. Isto pode ser visto como uma manifestação do efeito de homogeneidade do exogrupo. No entanto, para Marques e colegas, essa manifestação de maior variabilidade no endogrupo do que no exogrupo não depende fundamentalmente do facto de os sujeitos terem mais informação ou uma representação mais complexa acerca do endogrupo, mas antes do facto de estarem mais investidos emocionalmente nos julgamentos sobre o endogrupo do que sobre o exogrupo (Marques e Paéz, 2010).

É possível verificar a existência de fenómenos afins numa grande variedade de situações sociais. Tajfel (1983) refere que um dos melhores exemplos encontra-se nos amplos contextos sociais em que a noção de «raça» serve de critério para a categorização social. A palavra «raça» passou a ter, por determinadas razões, uma carga de valor, e a ser uma noção com um «excesso» de conotações de valor Tajfel (1983). A noção de «raça» tornou-se na aplicação social geral, como uma expressão abreviada que ajuda a criar, refletir, acentuar e perpetuar a perceção das diferenças de «qualidade» entre grupos ou seres humanos (Tajfel 1983).

#### **1.4. Raça e Género**

O conceito de raça é formulado por Fischer em 1913 como sendo «os caracteres raciais são caracteres genéticos» (Essner, 1995).

“A ideia de raça e de hierarquia racial sustentou os impérios coloniais e legitimou a destruição de grupos humanos. Com o apoio da biologia e da antropologia física e depois, ainda, com o apoio de outras ciências sociais e humanas, nomeadamente da psicologia construiu-se a ideia de que os grupos humanos fenotipicamente diferentes (a nível da cor da pele, por exemplo, mas também da forma da cabeça ou em outras características físicas; são geneticamente diferentes devido a um “ gene de raça”, e que existe uma relação de causalidade entre “ variações estruturais” aparentes (por exemplo a cor da pele ou do cabelo) e “variações estruturais” menos aparentes (por exemplo as capacidades intelectuais ou as capacidades físicas), que fundamentam as hierarquias raciais” (Vala e Lima, 2003).

Segundo Allport (1954), no senso comum, a «raça» refere-se a uma forma de categorização dos grupos humanos, cuja especificidade é a de agrupar os indivíduos com base

na suposição de pertencerem a populações distintas, com ascendências diferente entre si e comuns dentro de cada uma.

Como sublinhou Vala (2007), o discurso académico ou erudito sobre as raças humanas passou para a vida quotidiano e organizou-se numa representação social sobre as diferenças entre os humanos. Esta representação social associa as crenças segundo as quais existe uma base biológica para as culturas e as hierarquias raciais às crenças de que os grupos humanos diferenciados geneticamente têm ascendências diferentes entre si e comuns dentro de cada grupo. Por outro lado, sendo grupo humanos *naturalmente separados*, estes grupos *devem continuar separados*, o que implica que não deverá haver casamento, relacionamento sexual ou descendência mútua entre eles. Esta separação, faz parte do que herdamos dos nossos antecedentes, e esta muito presente nesta sociedade atual.

Almeida (2000) diz que é evidente quando se pensa que em relação à raça quase ninguém pensa hoje que é na cor da pele que reside em última instância a causalidade das desigualdades nas relações raciais; mas no respeitante ao género, é culturalmente difícil não cair na tentação de ver no sexo e no corpo a raiz do género. Por isso o género é a «última fronteira» da reflexividade crítica das ciências sociais. Constituinte de identidades pessoais e sociais, o género não cria, porem, grupos sociais, mas sim categorias.

Como categoria social, o género refere-se aos papéis impostos pela sociedade, papeis esses que regem comportamentos predeterminados como sendo *apropriados e característicos* de homens e de mulheres. Reunindo esses papéis num conceito relacional, criou-se um sistema que permite a compreensão dos mecanismos pelos quais as atividades biológicas se transformam em atividades sociais (Ferreira, 2002).

Por outro lado, “género são atributos sociais que são aprendidos ou adquiridos durante a socialização enquanto membro de uma dada comunidade; sendo estes atributos comportamentos aprendidos, podem e variam ao longo do tempo e entre culturas. Género refere-se aos atributos sociais, papeis, atividades, responsabilidades, poderes e necessidades relacionadas com o facto de ser homem (masculino) e de ser mulher (feminino) numa dada sociedade e num dado tempo, enquanto membro de uma comunidade específica dentro de uma sociedade. As identidades de género da mulher e do homem determinam a forma como são entendidos e como se esperam que pensem e ajam.” United National Development (2001 cit in Perista, H. & Silva. A., 2005).

Para Denzin (1995, cit por Nogueira 2001), o género, contrariamente ao sexo, refere-se a uma classificação que as sociedades *construíram* para exacerbar as diferenças entre homens e mulheres já que permite definir os significados sociais e culturais que são associados a cada categoria anatómica sexual. Em contraste com uma perspectiva essencialista, o construcionismo social assume o género como uma construção social, um sistema de significados que se constrói e se organiza nas interações, e que governa o acesso ao poder e aos recursos (Nogueira, 2001).

O género é “ o sentimento de sentir-se homem ou mulher”(Felman,2001). Ao longo da vida, a auto e a heteropercepção psicológicas são moldadas em função da classificação atribuída pela sociedade aos conceitos de mulher e homem, isto é ao género que nos é atribuído (Freitas- Magalhães, 2006).

As diferenças de género na exibição das expressões faciais têm merecido estudos exploratórios por parte dos psicólogos, em consequência dos trabalhos de Eibl-Eibesfeldt (1970 e 1972), Ekman (1972 e 1973) a partir dos ensaios centenários de Darwin (Freitas-Magalhães, 2006).

Por exemplo, são as mulheres mais sorridentes que os homens? A literatura apresenta-os como matriz de sentimentos, atitudes e opiniões. Trata-se de uma crença sobre as diferenças na disposição comportamental dos homens e das mulheres, podendo ou não verificar-se ligação a diferenças comportamentais entre os homens e as mulheres. (Freitas-Magalhães, 2006).

## Capítulo II

O presente capítulo encontra-se dividido em quatro partes, nomeadamente, a primeira refere o enquadramento teórico ao estudo, incluindo as hipóteses, a segunda parte apresenta o método, a terceira os resultados e a quarta a discussão e conclusão.

### 2.1. Introdução

Tendo em conta os estudos interculturais de Ekman (1982) terem demonstrado que existe uma universalidade e a capacidade de produzir diferentes expressões faciais emocionais e também a capacidade de descodificar e reconhecer essas expressões, têm sido feitos vários estudos sobre as diferenças entre a capacidade de detetar diferentes expressões faciais. De uma maneira geral parece haver um consenso quando são utilizadas caras esquemáticas. As expressões faciais ameaçadoras são mais fáceis de detetar que as expressões alegres (p. ex., Esteves, 1999; Öhman et al., 2001). Contudo, com fotografias de pessoas, nem sempre isto se verifica e os dados tem sido mais contraditórios. Além das diferenças perceptivas, uma possível explicação seria a importância de outros fatores como o sexo da foto. De facto, num estudo recente, Öhman e colaboradores (Öhman et al., 2012) mostraram que este efeito depende do sexo da fotografia. A deteção mais eficiente de caras ameaçadoras apenas se verificava com fotos masculinas e contextos mais homogéneos (menos fotos diferentes).

Outra questão relacionada com a homogeneidade dos estímulos é a pertença étnica/racial. O facto das caras serem do mesmo grupo (endogrupo) ou de um grupo diferente (exogrupo) pode facilitar ou dificultar a perceção de diferentes expressões. A variável étnica tem sido utilizada em estudos sobre a perceção psicológica de expressões faciais – e não apenas do sorriso – os quais indicam verificarem-se diferenças significativas na perceção psicológica do rosto dos negros (e.g. Hanna, 1984) Matsumoto e Kudoh (1993) efetuaram estudos com descendentes africanos, asiáticos e europeus a residir nos Estados Unidos da América para verificar o processo de atribuição e chegaram à conclusão que o favoritismo atribuído ao sorriso faz-se tendo em conta os membros do seu próprio grupo.



Beaupré e Hess (2002) replicaram recentemente os trabalhos de Allen (1996), realizando três estudos para verificarem se o sorriso era atribuído mais frequentemente no endogrupo ou no exogrupo em contextos sociais e não-sociais. Para tal, foi pedido aos participantes que observassem uma fotografia que descrevia um protagonista numa situação não-emocional e escolher uma expressão facial que seria apropriada ao contexto. Os resultados confirmaram a presença de um preconceito de endogrupo na atribuição de sorrisos. Nos dois primeiros estudos, os participantes de descendência europeia atribuíram sorrisos mais frequentemente a indivíduos do endogrupo e atribuíram maior número de faces neutras a indivíduos do exogrupo. No terceiro estudo, o mesmo padrão de atribuição foi verificado - atribuição de características positivas a indivíduos do seu mesmo grupo e negativas a indivíduos de outros grupos.

## 2.2. Objectivos e hipóteses

Na sequência dos estudos que mostram uma deteção mais rápida e eficaz (menos erros) de expressões faciais de ameaça (e.g., Öhman et al, 2012), o objetivo do presente estudo é testar se existem diferenças em função da homogeneidade das expressões distratoras e da sua pertença ao endogrupo ou exogrupo, ou seja se a deteção da ameaça é mais fácil quando apresentada por uma cara da mesma etnia (endogrupo) ou por uma cara de outra etnia (exogrupo).

Assim foram formuladas as seguintes hipóteses:

- 1) No geral, as expressões ameaçadoras são detetadas mais rapidamente e com mais eficácia (menos erros) que as expressões alegres (replicação de estudos anteriores).
- 2) A deteção de ameaça é mais fácil (mais rápida e com menos erros) com fotografias de outra raça do que com fotografias da mesma raça (hipótese de melhor associação da ameaça ao exogrupo).
- 3) A deteção de ameaça é mais fácil (mais rápida e com menos erros) com caras masculinas do que com caras femininas (hipótese de melhor associação da ameaça ao sexo masculino).
- 4) Existem diferenças na deteção da ameaça em função do sexo do participante.

Com o desenvolvimento deste projeto pretende-se principalmente verificar se os resultados obtidos por Öhman e colaboradores se confirmam em contextos de homogeneidade no endogrupo e exogrupo. Será que a deteção da potencial ameaça social é mais fácil em fotos da mesma raça dos participantes, ou pelo contrário, e de acordo com o efeito da homogeneidade obtido por Öhman e colaboradores (2012) é mais fácil com participantes de raça diferente?

## **2.3. Método**

### **2.3.1. Participantes**

Participaram voluntariamente neste estudo 116 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos ( $M= 27,7$ ;  $Dp= 5,87$ ) sendo 52 brancos e 60 negros, 3 identificaram-se como mulatos e 1 não se identificou com nenhuma das opções apresentadas no questionário. Os participantes são na sua maioria licenciados e trabalhadores-estudantes. Os participantes foram recrutados na área da grande Lisboa.

### **2.3.2. Plano do estudo**

Em termos metodológicos este estudo utiliza o método experimental, uma vez que pretendemos encontrar uma relação de causalidade entre variáveis (Almeida & Freire, 2007). Com um plano fatorial 2 (participante branco vs. preto) x 2 (homem vs. mulher) x 2 (caras alegres ou zangadas) x 2 (foto de branco vs. negro) x 2 (foto masculina ou feminina), sendo as 2 primeiras variáveis inter-sujeito e as três últimas intra-sujeito.

As variáveis dependentes são o número de acertos e o tempo de reação.

### **2.3.3. Materiais**

#### ***Suporte físico e Programa Utilizado.***

Utilizou-se no presente estudo o programa E-Prime versão 2.0 (Schneider, Eschman, & Zuccolotto, 2002), para apresentação aleatória e controlo dos estímulos. Foi executado, num computador portátil SONY VAIO Intel ® Core™ 2 Duo T5550 de 1.83GHz de frequência e 2,00 GB de memória RAM, operando com o sistema Microsoft Windows Vista ® Home Premium, com ecrã de 7,99 Polegadas e resolução de 12,4Pixéis. Os participantes

foram testados individualmente e utilizaram teclado devidamente assinalado para darem as suas respostas.

### *Estímulos visuais*

Para obter diferentes expressões faciais, retirou-se uma imagem do Karolinska Directed Emotional Faces (KDEF), e depois foi alterada num programa de software FaceGen Modeller 3.5 Free (Model: FaceGen Default Model V3) que permite gerar expressões faciais, manipulando parâmetros como género, raças, emoções, idades e etc.. Foram criadas 6 imagens (três masculina e três femininas) com três expressões faciais (alegre, zangada e neutra).

O KDEF é um conjunto de 70 fotos. Este material foi originalmente desenvolvido para fins experimentais de percepção, atenção e emoções, no Departamento de neurociências, secção de Psicologia, Estocolmo, Suécia (Lundqvist, Flykt, & Ohman, 1998). A experiência está estruturada em dois blocos: um do treino, constituído por 4 ensaios em que padrões de 6 imagens com expressões faciais neutras são apresentados, e um bloco composto por 96 ensaios que constituem a experiência. No seu todo foram apresentadas 100 ensaios.

As imagens foram apresentadas de uma forma contínua, aleatoriamente, e as respostas gravadas à medida que os participantes carregavam na tecla seleccionada após a visualização do alvo. A sequência de imagens iniciava-se partindo de um ponto de fixação (+) com a duração de 2000ms (ver Figura 1) e terminava com um slide em branco após a resposta dada pelo participante.

Após o visionamento das imagens foi pedido aos participantes que preenchessem um questionário de forma a obter opiniões individuais de cada participante acerca da proximidade com outras pessoas, racismo, sexismo e também para obter dados sociodemográficos.

O questionário está dividido em duas partes. A primeira parte composta por uma medida não-verbal gráfica da proximidade de uma relação interpessoal da inclusão do self com os outros (IOS). Esta medida consiste em sete imagens de dois círculos sobrepostos, cada vez mais marcado “ eu e outros “adaptada do Schubert (2002). Vários estudos demonstraram a sua validade, tais como Aron e Fraley (1999) concluíram que escala IOS “funciona como uma medida surpreendentemente eficaz de proximidade (interpessoal) ”.

Também foi utilizada uma escala com sete itens relacionados com racismo. As três primeiras são a sub-escala de intimidade e as outras quatro é a sub-escala de valores tradicionais. Por último uma sub-escala de diferenças culturais com quatro itens. No total foram retirados onze itens do artigo de Pettigrew & Meertens (1995).

A segunda parte também composta por uma medida não-verbal gráfica da proximidade de uma relação interpessoal da inclusão do self com os outros (IOS) e vinte dois itens que avaliam os estereótipos adotados para cada género (características masculinas e femininas) a respeito das duas dimensões do sexismo: hostil e benevolente, retirado do artigo de Formiga, Golveia & Santos (2002) a uma adaptação.

Sexismo hostil evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão (Formiga, Golveia & Santos, 2002). Exemplos do sexismo hostil (As feministas fazem demandas irracionais aos homens; as mulheres não dão valor a tudo quanto os homens fazem por elas; as mulheres exageram os problemas que têm no trabalho).

Sexismo benévolo refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação á mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil, que necessita atenção mas que também pode complementar o homem Formiga, Golveia & Santos, (2002). Exemplos de itens que o define: as mulheres têm uma pureza que poucos homens possuem; as mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens.

Por fim caracterização sociodemográfica foi anexada previamente uma folha a parte, onde eram solicitadas informações com sexo, estado civil, idade, habilitações e como se definiria racialmente (branco/a, negro/a e mulato/a).

#### **2.3.4. Procedimento**

Os participantes foram recrutados por conveniência e voluntários para participarem num estudo de psicologia. Após a obtenção do consentimento informado, foi-lhes explicado que iriam visualizar umas imagens.

Inicialmente, liam as instruções de forma a familiarizarem com a tarefa e a identificação de teclado a usar. De seguida, inicia a tarefa treino e posteriormente a experiência. Depois eram-lhes pedidos que preenchessem um questionário, Por fim, a agradeceu-se e explicou-se o propósito do estudo em que participaram.

## 2.4. Resultados

Para analisar os resultados vamos primeiro analisar os tempos de reação, depois os erros e por fim as escalas de proximidade, racismo e sexismo.

### 2.4.1. Tempo de Reação

Com o objetivo de comparar a rapidez na detecção de caras emocionais em função do sexo e raça do participante e do sexo, raça e expressão emocional da fotografia, foi efetuada uma ANOVA 2x2x2x2 com estas variáveis, sendo as duas primeiras inter-sujeito e as três últimas intra-sujeito.

Verificou-se um efeito principal da emoção da foto,  $F(1,106) = 18,29$ ,  $p < 0,001$ . De acordo com a hipótese 1, as caras zangadas foram detectadas mais rapidamente que as caras alegres.

A hipótese 3 também foi confirmada por um efeito principal do sexo da foto. As fotos masculinas foram detetadas mais rapidamente que as fotos de mulheres,  $F(1,106) = 5,49$ ,  $p < 0,05$ .

Verificou-se ainda um efeito principal da raça da fotografia,  $F(1,106) = 188,22$ ,  $p < 0,001$ , com as fotos de pessoas de raça negra a serem detetadas mais rapidamente. Também se obteve um efeito principal da raça do participante,  $F(1,106) = 4,81$ ,  $p < 0,05$ , sendo no geral os participantes brancos mais lentos na tarefa.

Verificaram-se também três interações significativas. Entre o sexo da foto e a raça da foto,  $F(1,106) = 20,41$ ,  $p < 0,001$ ; entre o sexo da foto e a emoção da foto,  $F(1,106) = 4,87$ ,  $p < 0,05$ ; 3 entre o sexo da foto, raça da foto e emoção da foto,  $F(1,106) = 4,95$ ,  $p < 0,05$ . Como se pode verificar no Gráfico 1, caras zangadas de raça negra são as mais facilmente detetadas.

Em relação à hipótese 4 não se verificaram diferenças entre participantes masculinos e femininos, e quanto à hipótese 2, também não se verificou a interação esperada entre a raça do participante e a emoção da foto, mas sim uma detecção mais rápida de caras zangadas independentemente da raça do participante.

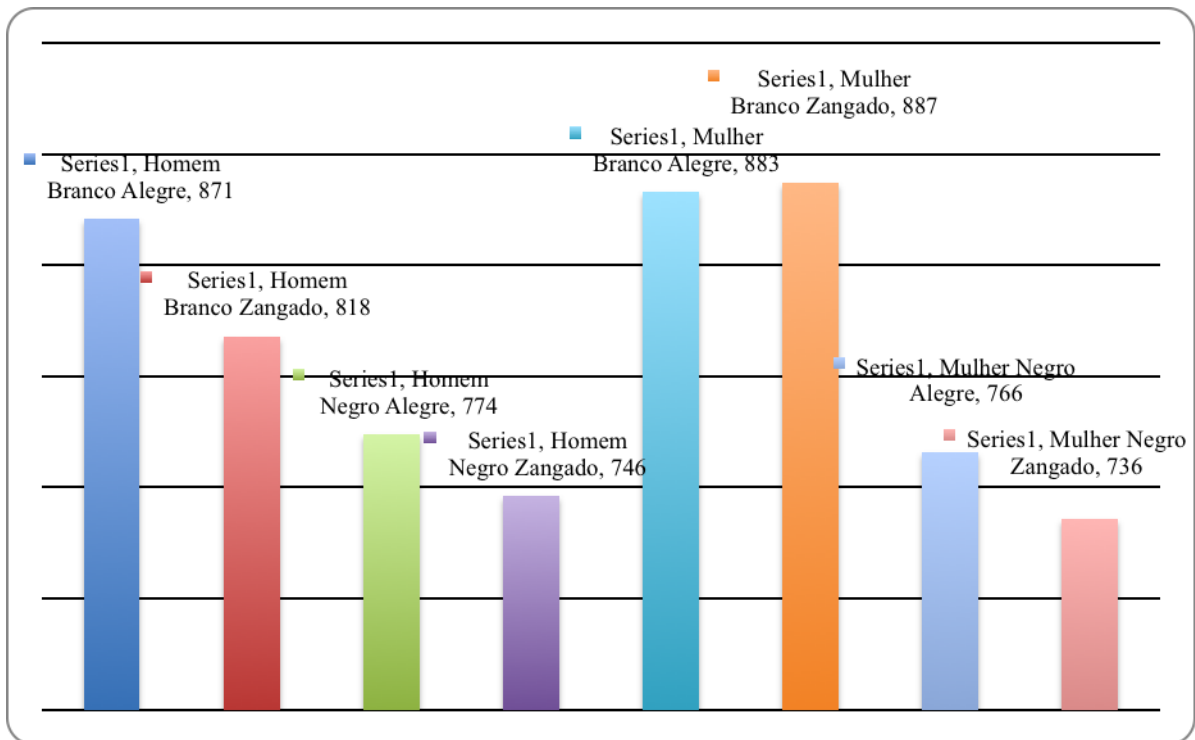


Figura 0-1. Médias dos tempos de reação (em milésimos de segundo) em função das características das fotos (sexo, raça e expressão emocional).

#### 2.4.2. Erros

Para avaliar diferenças na percentagem de erros e testar as hipóteses, efetuou-se uma ANOVA com as mesmas variáveis que foram utilizadas nos tempos de reação.

Verificaram-se efeitos principais do sexo da foto,  $F(1,106) = 6,76$ ,  $p < 0,05$  e da raça da foto,  $F(1,106) = 62,40$ ,  $p < 0,01$ . Verificou-se ainda uma interação entre o sexo da foto e a raça da foto  $F(1,106) = 10,62$ ,  $p < 0,05$ . Como se pode ver no Gráfico 2, verificaram-se mais erros nas fotografias de raça branca, e essa diferença ainda foi mais nítida nas mulheres.

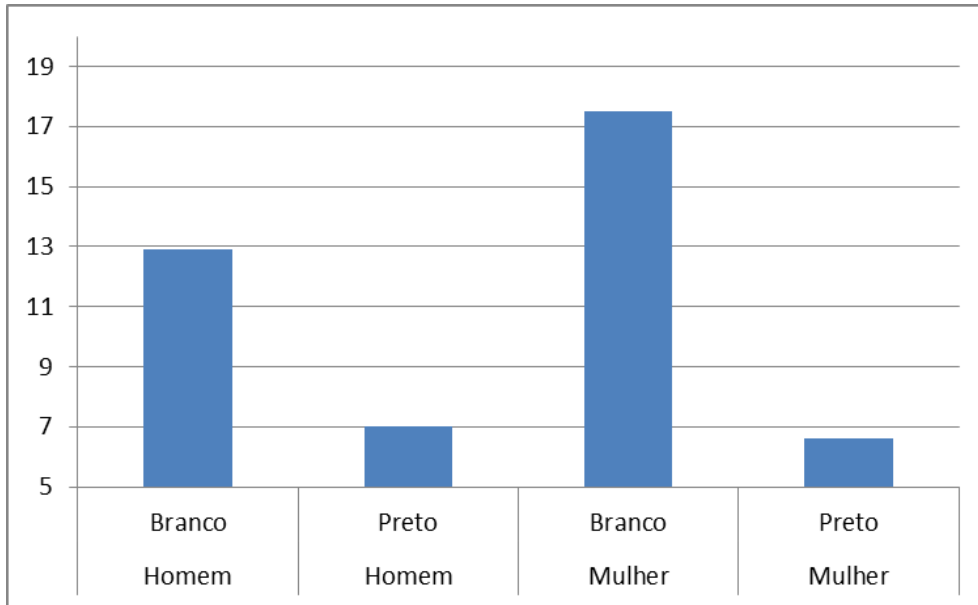


Figura 0-2. Percentagem de erros em função do sexo e da raça da fotografia.

Apesar de não ter atingido o nível de significância de 0,05, observou-se uma tendência interessante na interação entre o sexo do participante e a emoção da foto,  $F(1,106) = 3,26$ ,  $p=0,07$ . Como se pode ver no Gráfico 3, são os participantes masculinos que apresentam menos erros na detecção de caras zangadas.

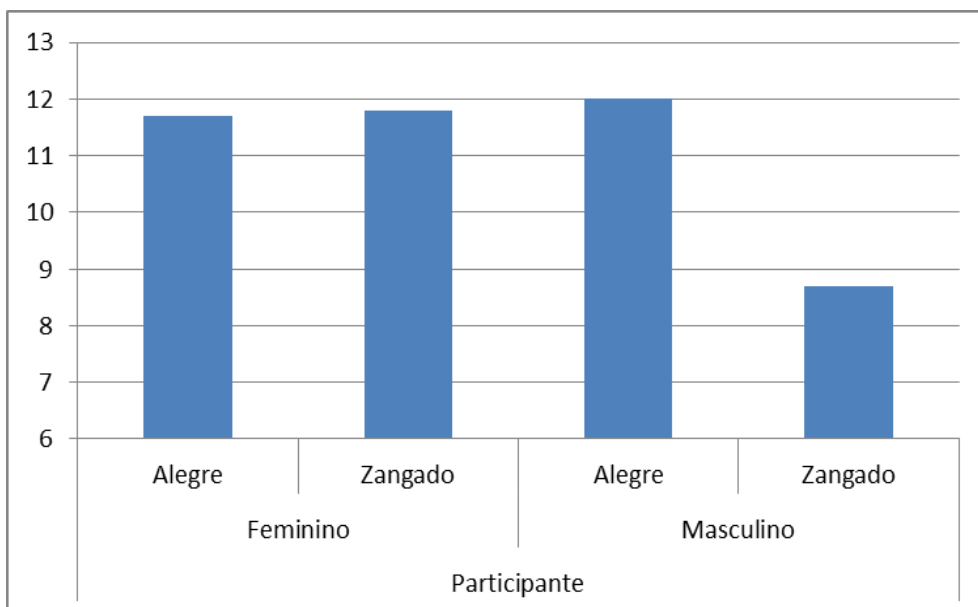


Figura 0-3. Percentagem de erros em função do sexo do participante e da emoção da fotografia.

### 2.4.3. Proximidade, racismo e sexismo

Relativamente, aos resultados obtidos através do questionário, a consistência interna das escalas foi analisada com o coeficiente de consistência interna Alfa de Cronbach. Os valores encontrados variam entre um mínimo de 0,66 (aceitável) na subescala de intimidade e um máximo de 0,84 (bom) na subescala de sexismo hostil, como se pode constatar na tabela 1.

Quadro 0-1. Estatísticas descritivas e consistência interna

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Alfa de Cronbach
Proximidade branca	116	1,0	7,0	4,97	1,82	--
Proximidade negros	116	1,0	7,0	5,14	1,66	---
Proximidade mulheres	116	2,0	7,0	5,30	1,66	---
Proximidade homens	116	1,0	7,0	5,09	1,69	---
Intimidade	115	3,33	7,00	6,17	,82	0,656
Valores tradicionais	116	1,00	5,75	3,22	1,21	0,782
Diferenças culturais	115	1,00	7,00	4,73	1,24	0,777
Sexo Ambivalente	108	1,45	6,73	4,43	,88	0,694
Sexo Hostil	111	1,82	6,64	4,59	1,01	0,844

### 2.4.4. Comparação Eu e o endogrupo/exogrupo – proximidade de raça

A diferença na identificação com as pessoas brancas entre as pessoas negras e as pessoas brancas é estatisticamente significativa,  $t(111) = 5,98$ ,  $p < 0,001$ . A identificação com as pessoas brancas é maior entre os brancos do que entre os negros ( $M = 5,92$ ;  $Dp = 1,64$ ) versus ( $M = 4,10$ ;  $Dp = 1,58$ ).

A diferença na identificação com as pessoas negras entre as pessoas negras e as pessoas brancas é estatisticamente significativa,  $t(92) = 4,49$ ,  $p < 0,001$ . A identificação com



as pessoas negras é maior entre os negros do que entre os brancos (M=5,73; Dp= 1,30) versus (M= 4,38; Dp= 1,79).

Quadro 0-2. Proximidade

	Branco/a		Negro/a		Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	gl	Sig.
Proximidade Brancos	5,92	1,64	4,10	1,58	5,977	111	0,001
Proximidade Negros	4,38	1,79	5,73	1,30	-4,492	91,562	0,001

\* $p \leq 0.05$

#### 2.4.5. Comparação Eu e o endogrupo/exogrupo – proximidade de género

Embora a média da identificação com o género feminino seja maior entre as mulheres do que entre os homens (M=5,44; Dp= 1,66) versus (M=5,12; Dp= 1,67), a diferença na identificação não é estatisticamente significativa,  $t(114) = 1,02$ ,  $p = 0,310$ .

A identificação com o género masculino é maior entre os homens do que entre as mulheres (M=5,50; Dp= 1,75) versus (M=4,77; Dp=1,59), sendo a diferença na identificação estatisticamente significativa,  $t(114) = 2,33$ ,  $p = 0,02$ .

A identificação de proximidade com o género oposto é maior entre os homens do que entre as mulheres (M=5,12 vs M= 4,77).

Quadro 0-3. Proximidade com género

	Masculino		Feminino		Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	gl	Sig.
Proximidade Mulheres	5,12	1,67	5,44	1,66	-1,021	114	0,310
Proximidade Homens	5,50	1,75	4,77	1,59	2,330	114	0,022 *

\* $p \leq 0.05$

### 2.4.6. Racismo

Relativamente ao racismo verso raça, apesar de média da intimidade ser superior no negro (M=6,28; Dp=.66) do que no branco (M=6,04; Dp=.97), a diferença não é significativa,  $t(87,954) = -1,483$ ,  $p = .142$ . O racismo relacionado com os valores tradicionais é significativamente mais baixo nos negros do que nos brancos (M= 3,67; Dp= 1,23 versus M=2,90; Dp= 1,07), [ $t(110) = 3,54$ ,  $p = 0,001$ ]. E quanto a diferenças culturais as diferenças não são muito estatisticamente significativas. (Tabela 4).

Quadro 0-4. Racismo vs. Raça

	Branco/a		Negro/a		Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	Gl	Sig.
Intimidade	6,04	,97	6,28	,66	-1,483	87,954	,142
Valores Tradicionais	3,67	1,23	2,90	1,07	3,541	110	,001*
Diferenças Culturais	4,90	1,27	4,53	1,21	1,560	109	,122

\*  $p \leq 0.05$

Observando a tabela 5, racismo relacionado com a intimidade é significativamente mais alto nos homens do que nas mulheres (M=6,42; Dp=.70 versus M= 5,99 ; Dp= .86), [ $t(113) = 2,887$ ,  $p = 0,005$ ].

Quadro 0-5. Racismo vs. Género

	Masculino		Feminino		Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	Gl	Sig.
Intimidade	6,4	,70	5,99	,86	2,887	113	,005*
Valores Tradicionais	3,15	1,22	3,28	1,21	-,569	114	,571
Diferenças Culturais	4,62	1,32	4,82	1,19	-,864	113	,389

\*  $p \leq 0.05$

### 2.4.7. Sexismo

Como se pode averiguar na tabela 6, as diferenças entre raças no que se refere ao sexismo não são estatisticamente significativas.

Quadro 0-6. Sexismo vs. Raça

	Branco/a		Negro/a		Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	gl	Sig.
Sexismo Ambivalente	4,31	,91	4,59	,83	-1,641	102	,104
Sexismo Hostil	4,64	1,09	4,56	,95	,429	105	,669

\*  $p \leq 0.058$

Observando as médias da tabela 7 (Sexismo vs Género), é possível visualizar as diferenças entre masculinos e feminino no que diz respeito ao sexismo. Especificamente os masculinos apresentam uma média superior (M= 4,95; Dp= 0,87) do que as mulheres (M= 4,31 ; Dp= 1,02) [ $t(109) = 3,473, p < .01$ ] relativamente ao sexismo hostil.

Tabela 7– Sexismo vs género

	Masculino		feminino		Estatísticas		
	M	DP	M	DP	t	gl	Sig.
Sexismo ambivalente	4,52	,74	4,37	,97	,869	106	,387
Sexismo hostil	4,95	,87	4,31	1,02	3,473	109	,001*

\*  $p \leq 0.05$

## 2.5. Discussão / Conclusão

O objetivo deste estudo centrou-se em testar se existem diferenças em função da homogeneidade das expressões distratoras, ou seja se a deteção da ameaça é mais fácil quando apresentada por uma cara da mesma etnia (endogrupo) ou por uma cara de outra etnia (exogrupo). Para este efeito, baseou-se na sequência dos estudos que mostram uma deteção mais rápida e eficaz (menos erros) de expressões faciais de ameaça (e.g., Öhman et al, 2012).

Em termos gerais, os resultados do estudo apenas apoiaram duas hipóteses colocadas e outras duas não foram suportadas. No entanto a primeira hipótese confirma que as caras zangadas foram detetadas mais rapidamente que as caras alegres, como foi demonstrado por vários autores (cf. Öhman, Juth, Lundqvist, 2010). A terceira hipótese também foi confirmada, verificou-se que a deteção de ameaça é mais fácil com caras masculinas do que com caras femininas. Esta confirmação deve-se ao facto do rosto masculino esta associado a caras zangada (medo). Este efeito pode ser moldado por objetivo género porque a raiva é a mais rápida e reconhecido no sexo masculino do que em rostos femininos, e o inverso é verdadeiro para a felicidade, (Becker, Kenrick, Neuberg, Blackwell, & Smith, 2007 in Öhman et al, 2012)

No que diz respeito a segunda hipótese, em que a deteção de ameaça é mais fácil com fotografia de outra raça do que com fotografias da mesma raça, mesma não foi suportada. No entanto, pode-se supor que isto deve-se ao facto dos participantes terem um grau de familiaridade com as raças das imagens, visto que os participantes brancos e negros são todos residente na área de grande Lisboa e ambos o grupos tem uma convivência muito próxima (como por exemplo, no local de emprego, faculdade e outros são casais). Entretanto a quarta hipótese também não foi suportada, visto que não verificou nenhuma diferença na deteção da ameaça em função do sexo do participante.

Relativamente a análises dos erros cometidos mostraram que os erros foram mais cometidos nas fotografias da raça branca e esses erros estão mais evidentes nas mulheres. Por outro lado, independentes das raças são os participantes masculinos que cometeram menos erros na deteção de caras zangadas.

No que se refere ao dados obtidos do questionário, no presente estudo o valor da consistência interna da subescala sexismo ambivalente ( $\alpha=.69$ ) foi inferior a índices das escalas dos estudos anteriores ( $\alpha=.77$ ) Glick & Fiske, (1996). Verifica-se que a proximidade com a raça é maior entre os brancos do que com os negros, e o mesmo acontece com os

negros em relação aos brancos. Esta tendência tende a continuar na proximidade com o género, as mulheres tendem a aproximar mais das mulheres e os homens dos homens. Este resultado não surpreende e vem ao encontro da teoria do favoritismo grupal. Segundo Fraise, (1991, cit in Formiga, Golveia & Santos, 2002), considera que a diferença sexual entre homens e mulheres no decorrer da última década vem sendo mais salientes principalmente em relação aos valores que os regem.

No que toca ao racismo e raça, verifica-se que quanto mais alto é a média da intimidade menor é nos valores tradicionais e nas diferenças culturais. Esta situação mantém-se relativamente com o racismo e o género, mas com uma diferença, a média da intimidade é maior no masculino. Pode-se deduzir que este resultado deve-se ao fatos da amostra conhecerem valores e a cultura da outra raça e conviverem com estas diferenças.

Relativamente ao cruzamento do sexismo verso raça, verifica-se que a média do sexismo ambivalente é ligeiramente superior nos negros em comparação com os brancos, mas esta situação inverte quando é sexismo hostil, a média dos brancos é ligeiramente superior aos dos negros.

Finalmente, referente ao sexismo entre os géneros, os resultados encontrados são diferentes aos dos estudos do Mladinic & Cols (1998) realizados no Chile, em que os homens foram na sua maioria sexista ambivalentes (Ferreira, 2004). Mesmo que os valores apresentados na presente amostra não sejam estatisticamente significativos, a maior média de sexismo hostil e ambivalente encontra-se nos participantes masculinos. Embora sexismo hostil e ambivalente constitua constructos independentes, eles apresentam-se correlacionados. O que demonstra a concordância com o resultado do estudo anterior do Glick e Fiske (1995) em que essas duas formas de sexismos constituem em facetas ideológicas de um mesmo sistema de recompensa e punições que se aplica diferencialmente a homens e mulheres em função da posição que ocupam na hierarquia do poder determinado pelo género (Ferreira, 2004). Talvez possamos explicar este resultado as evidências de carácter transcultural da desigualdade género e também a sociedade homogenia referente a questões de raças.

É de referir que este estudo teve algumas limitações, dos quais supomos que tenha influenciado os resultado do mesmo. Como é o facto da amostra do estudo viverem na mesma área geográfica e com isso estão integrados na cultura dominante. Sugere-se que os estudo futuro a amostra seja recolhida em países diferentes. Um outro facto é a idade e estado civil, visto que os negros pertenciam a faixa etária mais nova em relação aos brancos. Como se

verificou no resultado o efeito principal raça a branca foi mais lenta em relação aos negros. Observou-se que no decorrer da experiência os participantes mais novos e estudantes realizavam a experiência com se estivessem num jogo e tinham que acertar mais rapidamente possível. Em relação ao estado civil alguns tinham uma relação de comunhão com raça diferente, o que faz com que uma raça conheça a outra e não se verificar diferenças significativas entre raças, valores tradicionais e diferenças culturais.

Mesmos que das quatro das hipóteses, duas não foram suportadas este estudo, representa mais uma inovação para ciências sociais.



## Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, Mass: Addison-Wesley.
- Almeida, M. V. (2000). *Senhores de Si. Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*. (2<sup>a</sup>.ed.) Lisboa: Fim de Século.
- Almeida, L.S. & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (4<sup>a</sup> ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Amâncio, L. (2004). Identidade social e relações intergrupais. In J. Vala; M. B., Monteiro. *Psicologia Social* (pp. 387-409). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amâncio, L. (2010). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala; M. B., Monteiro. *Psicologia Social* (pp. 457-501). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Beaupré, M. G. & Hess, U. (2002). *In my mind, my friend smiles. A case of in-group favoritism*. Quebec: Departamento de Psicologia, Universidade de Quebec.
- Britton, J., C., Taylor, S., F., Sudheimer, K., D., & Liberzon, I. (2006). Facial expressions and complex IAPS pictures: Common and differential networks. *Neuroimage*, 31, 906-919.
- Cannon, W. B. (1927). The James-Lange Theory of emotion: A critical examination and an alternative theory. *American Journal of Psychology*, 39, 10-124.
- Damásio, A. (2003). *Ao Encontro De Espinosa*. Lisboa: Europa-América.
- Damásio, A. (2004). *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência* (15<sup>a</sup>.Ed) Lisboa: Europa-América.
- Davidoff, L. (1983). *Introdução á Psicologia*. Brasil. McGraw-Hill.
- Ekman, P. Levenson, R. & Friesen, W.(1983) Autonomic Nervous System Activity Distinguihes among Emotions. *New Series*. 221, 1208-1210 doi: 10.2307/1691002
- Ekman. et al. (1987). Universals and Cultural Differences in the Judgments of Facial Expressions of Emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53 (4), 712-717.



- Ekman, P. (1992). An argument for the basic emotion. *Cognitions & Emotion*, 6, 169-200.  
Doi: 10.1080/02699939208411068
- Ekman, P. (1999). Basic Emotions. In T. Dalgleish and T. Power ( Eds.) *The Handbook of Cognition*, p 45-60. Sussex, UK.: John Wiley & Sons.
- Essner, C. (1998). O Dogma Nórdico das Raças. In Conte, É. & Essner, C., *A Demanda da Raça. Uma Antropologia do Nazismo*. (73-113), (A. Rabaça, trad.). Instituto Piaget. ( Obra original publicada em 1995).
- Esteves, F., Dimberg, V., & Öhman, A., (1994). Nonconscious associative learning: Pavlovian conditioning of skin conductance responses to masked fear-relevant facial stimuli. *Psychophysiology*, 31, 375-385.
- Esteves, F., (1993). *Emotions Facial Expressions and the Unconscious Activation of Physiological Responses*. Acta Univ. Ups. Comprehensive Summaries of Uppsala Dissertations from the Faculty of Social Sciences.
- Esteves, F., (1999). Sesgos en el procesamiento de expresiones facials emocional. *Ansiedad y Estrés*, 5, 217-227.
- Ferreira, J. M. Carvalho, Neves, J., A, P. N., Caetano, A. (1996). *Psicossociologia das Organizações*. Alfragide: McGraw-Hill.
- Ferreira, A. M. M. (2002). *Desigualdade de Género no Actual Sistema Educativo Português. Sua Influência no Mercado de Emprego*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ferreira, M. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter- relações e diferenças de géneros. *Temas em Psicologia do SBP*, 12 (21) 119-126.
- Formiga, N., Golveia, V., Santos, M., (2002). Inventário de Sexismo Ambivalente: Sua Adaptação e Relação com o Género. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 103-111.
- Freitas-Magalhães, A., (2003). *O efeito do sorriso na percepção psicológica da pessoa*. Tese de Doutoramento. Lisboa: IEPG – UA.
- Freitas-Magalhães, A., (2006). *A Psicologia do sorriso humano*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Freitas-Magalhães, A., (2006). Expressividade do sorriso: Diferenças de género e da cor da pele. *Psychologica*, 41, 221- 229.

- Freitas-Magalhães, A., (2009). *A Psicologia das Emoções: O Fascínio do Rosto Humano*. (2ª ed.) Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Fridlund, A.(1992).The behavioral ecology and sociality of human faces. In M.S. Clark (Ed.), *Emotion, Review of Personality and Social Psychology*,(vol 13, pp.90-121).Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Gleitman, H.,. Fridlund, A., Reisberg, Daniel., (2003). *Psicologia*. (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional* (M. D. Correia, Trad.). Lisboa: Temas e Debates.
- Glick, P., & Fiske, S. T., (1998). The Ambivalent Sexism Inventoy: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-521.
- Guerra, P. (2000). *Cerebrus – A gestão Intrapessoal*. Porto: Empresa inteligente.
- Hanna, J.(1984). Black/White nonverbal differences, dance, and dissonance: Implications for desegregation. In A, Wolfgang (Ed.), *Nonverbal behavior, perspectives applications and intercultural insights*, Toronto, Canada: C. J. Hogrefe.
- James, W.(2007). *The Principles of Phychology*. New Yourk: Cosimo, Inc. (Obra original publicada em 1890).
- Johnson, D. W. & Johnson, F. P. (1987). *Joining together: Group theory and group skill* ( 3ª ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Lacerda, M.F., (2010).*O Reconhecimento Emocional de Expressões Faciais: Avaliação da Eficácia do Método Dinâmico e Espontâneo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde. Porto: FPCEUP.
- Lazarus, R. S. (1991). Emotion and adaptation. In J.M. Jenkins, K. Oatley & N.L. Stein (Eds.). *Human Emotions: a reader* (pp.98-112). Oxford: Blackwell Publishers.
- Leyens, J.PH.,& Yzerby, V., ( 2008). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.
- Lindgren, H. Byrne, D. (1982). Emoção e comportamento emocional. In *Psicologia- Processos comportamentais* (pp. 250-270). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

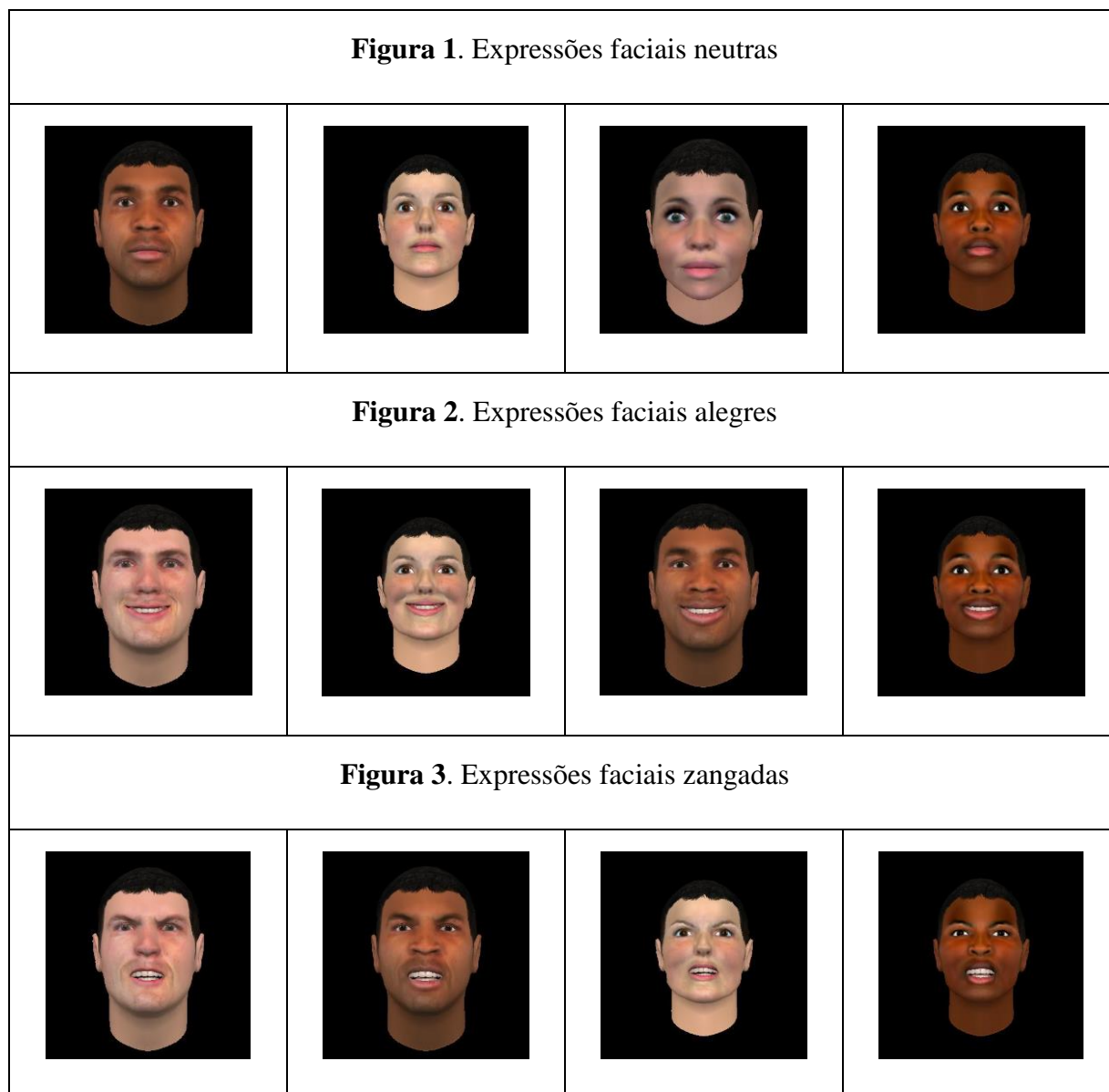
- Lundqvist, D., Flykt, A. & Öhman, A. (1998). *The Averaged Karolinska Directed Emotional Faces - AKDEF*, CD ROM from Department of Clinical Neuroscience, Psychology section, Karolinska Institutet, ISBN 91-630-7164-9.
- Marques, J. & Paéz, D. (2004). Processos cognitivos e estereótipos sociais. (pp. 333-386). In J. Vala; M. B. Monteiro. *Psicologia Social: Fundação Calouste Gulbenkian*.
- Marques, J. & Paéz, D. (2010). Processos cognitivos e estereótipos sociais. (pp. 411-456). In J. Vala; M. B. Monteiro. *Psicologia Social: Fundação Calouste Gulbenkian*.
- Most, S., Smith, S., Cooter, A., Levy, B., & Zald, D. (2007). The naked truth: positive, arousing distractors impair rapid target perception. *Cognition and Emotion*, 21 (5), 964-981.
- Motsumoto, D. Kundoh, T. (1993). American- Japanese Cultural Differences In Attributions of Personality Based On Smiles. *Journal of Nonverbal*, 17 (4), 231-237.
- Neto, F. (2000). *Psicología Social*. Vol.II. Universidade Aberta.
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social*. Vol. I. Universidade Aberta.
- Niedenthal, P., Krauth-Gruber, S., & Ric, S. (2006). *Psychology of Emotion: Interpersonal, Experiential and Cognitive Approaches*. New York: Psychology Press.
- Nogueira, C., (2001). *Um novo olhar sobre as relações sociais de géneros. Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Öhman, A., Esteves, F., & Soares, J. J. F. (1995). Preparedness and preattentive associative learning: Electrodermal conditioning to masked stimuli. *Journal of Psychophysiology*, 9, 99-108.
- Öhman, A., Lundqvist, D., & Esteves, F. (2001). The face in the crowd revisited: A threat advantage with schematic stimuli. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 381-396.
- Öhman, A. Juth, P. & Lundquist, D. (2010) Finding the face in a crowd: Relationships between distractor redundancy, target emotion, and target gender. *Cognition & Emotion*, 24, 1216-1228.

- Öhman, A. Soares, S. Juth, P. Lindstram, B. & Esteves, F., (2012) Evolutionary derived modulations of attention to two common fear stimuli: Serpents and hostile humans. *Journal of cognitive psychology*, 24(1), 17-32.
- Passos, A. (2011). Grupos e equipas de trabalho. In J.M. Carvalho Ferreira, J. Neves, A. Caetano (Cords). *Manual de Psicossociologia das Organizações* (pp.335-356). Lisboa: McGraw-Hill.
- Pettigrew, T. & Meertens, R. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25(1), 57-75.
- Perista, H. & Silva, A. (2005). Impacto em Função do Género – Avaliação de medidas de políticas. *Colecção Bem-me-quer n° 10*
- Plutchik, R.(1970). Emotions, evolution and adaptative processes, In M. Arnold (ed.), *Feelings and emotions* (1-24). New York: Academic Press.
- Plutchik, R. (1981). Un linguaggio per le emozioni. *Psicologia Contemporanea*, 48, 29-36.
- Raymond, J., Fenske, M., & Westoby, M. (2005). Emotional devaluation of distracting patterns and faces: a consequence of attentional inhibition during visual search?. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 31(6), 1404-1415.
- Romero, E. (2001). *As formas da sensibilidade: Emoções e Sentimentos na Vida Humana*. São Paulo: Della Bídia.
- Schubert, T. & Otten, S. (2002). Overlap of Self, Ingroup, and Outgroup: Pictorial Measures of Self-Categorization. *Psychology Press* ,1, 353-370.
- Solomon, E. A. (1977). *Psicologia Social* (Leite &Leite, Trad.). São Paulo: Editora Nacional. (Obra original Publicada em 1907)
- Stone, A., Valentine, T. (2007) 'Angry and happy faces perceived without awareness: A comparison with the affective impact of masked famous faces' *European Journal of Cognitive Psychology*, 19, 161-186 doi: 10.1080/09541440600611390
- Tajfel, H., (1972). «La categorization sociale», in Mascovici (Ed), *Introduction á la Psychologie Sociale*, Paris, Puf.

- Tajfel, H., (1978). *Differentiation Between Social Groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations*. (ed), London: Academic Press.
- Tajfel, H., (1982). *Grupos Humanos e Categorias Sociais: Estudos em Psicologia Social*. Volume I. Livros Horizontes.
- Tajfel, H., (1983). *Grupos Humanos e Categorias Sociais: Estudos em Psicologia Social*. Volume II. Livros Horizontes.
- Vala, J., (1997). Representações sociais e percepções intergrupais. *Analises Social*, 1, 7-29.
- Vala, J., & Lima, M. E. (2003). Diferenciações Social, Racionalização e Etnicização de Minorias: Ambivalências e Contradições. In M. L. Lima, P. Castro, & M. Garrido (Eds.), *Temas e Debates em Psicologia Social*. (pp. 177-206). Lisboa: Livros Horizonte.
- Vala, J., (2007). A construção social das diferenças entre grupos humanos e as novas expressões do racismo. In A. S. P. Moreira & B. V. Camargo (Org.). *Contribuições para a Teoria e o Método de Estudo das Representações Sociais*. (319-334). João Pessoa: UFPB/Editora Universitária.
- Vila, J.& Guerra, P. (2009). *Una introducción a la psicofisiología clinica*, Madrid: Pirámide.

Anexo A

EXEMPLO DE EXPRESSÕES FACIAIS



**Anexo B - Questionário**



Referência Estudo: Est\_23\_09\_2012

**Nome Estudo:** Expressões Faciais

Investigador Responsável: Francisco Esteves

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

**Objectivo do Estudo**

Avaliar expressões faciais em pessoas de diferentes géneros e raça

**Condições do Estudo**

O tempo previsto de duração de cada sessão é de cerca de 10m.

**Benefícios da Participação**

Com a sua participação neste estudo está contribuir para uma investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Social e das Organizações.

**Voluntariado**

A sua participação tem um carácter voluntário. Tema a possibilidade, por motivos éticos, de negar a participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender.

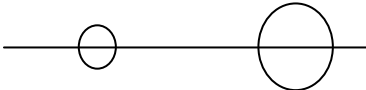
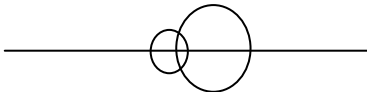
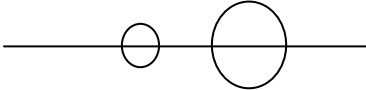
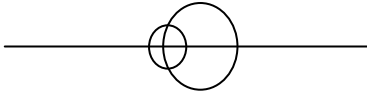
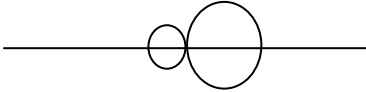
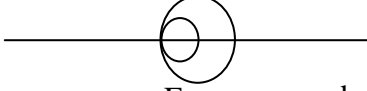
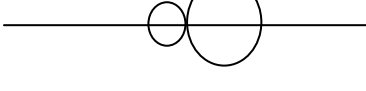
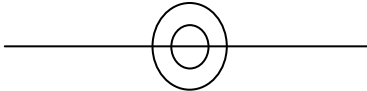
**Confidencialidade, Privacidade e Anonimato**

De acordo com as normas da Comissão de Protecção de Dados, os dados recolhidos são anónimos e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em Revistas da especialidade.

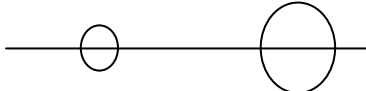
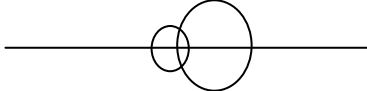
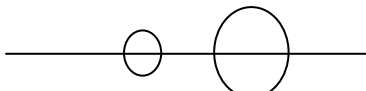
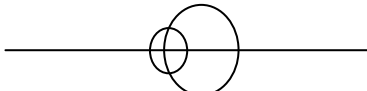

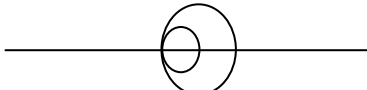
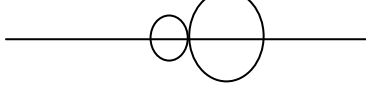
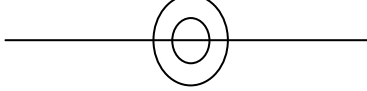
Tendo tomado conhecimento sobre a informação disponível do estudo, declaro aceitar participar.

\_\_\_/\_\_\_/2012

Seleccione a figura que melhor representa a sua proximidade com as pessoas brancas.

↓		↓	
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas brancas	Eu	pessoas brancas
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas brancas	Eu	pessoas brancas
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas brancas	Eu	pessoas brancas
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas brancas	Eu	pessoas brancas

Seleccione a figura que melhor representa a sua proximidade com as pessoas negras.

↓		↓	
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas negras	Eu	pessoas negras
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas negras	Eu	pessoas negras
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas negras	Eu	pessoas negras
	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
Eu	pessoas negras	Eu	pessoas negras



2.

2. Diga-nos em que medida concorda com as seguintes afirmações. Assinale o número que melhor representa a sua opinião.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo de algum modo	Não sei	Concordo de algum modo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

1.	Não me importava se uma pessoa devidamente qualificada negra fosse indicada para ser meu chefe.	1	2	3	4	5	6	7
2.	Não me importava, que uma pessoa negra, com qualificações académicas e uma classe económica semelhante à minha, se juntasse a minha família por via de um casamento.	1	2	3	4	5	6	7
3.	Eu estaria disposto (a) a ter relações sexuais com um (a) negro (a).	1	2	3	4	5	6	7
4.	O problema é que algumas pessoas não se esforçam o suficiente. Se os negros se esforçassem um pouco mais, teriam o mesmo sucesso que os brancos.	1	2	3	4	5	6	7
5.	Outros grupos vieram para cá, ultrapassaram o preconceito e foram bem-sucedidos. Os negros deviam fazer o mesmo sem reclamar tratamento especial.	1	2	3	4	5	6	7
6.	Os negros que vivem aqui não se deveriam mudar para onde não são desejados.	1	2	3	4	5	6	7
7.	Os negros transmitem aos filhos valores e habilidades diferentes dos necessários para se ser bem-sucedido na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7

3. Diga-nos em que medida considera os Negros semelhantes ou diferentes aos brancos em cada um dos aspectos a seguir referidos. Assinale o número que melhor representa a sua opinião.

Totalmente diferente	Diferente	Um bocado diferente	Nem diferente Nem semelhante	Um bocado semelhante	Semelhante	Muito semelhante
1	2	3	4	5	6	7

Nos valores que ensinam aos filhos	1	2	3	4	5	6	7
Nas crenças e práticas religiosas	1	2	3	4	5	6	7
Nos valores e comportamentos sexuais	1	2	3	4	5	6	7
Na preocupação com o bem-estar da família	1	2	3	4	5	6	7

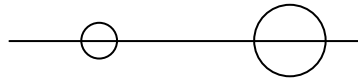
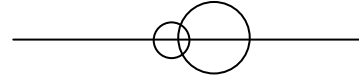
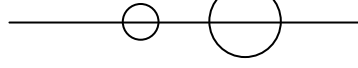
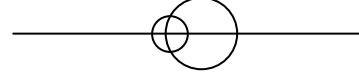

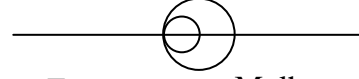

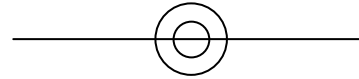
5. Vai encontrar de seguida uma lista de sentimentos e emoções. Indique em que medida acha prováveis as pessoas dos grupos abaixo exprimirem cada uma delas.

Nada provável	Pouquíssimo provável	Pouco provável	Nem muito nem pouco provável	Muito provável	Muitíssimo provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

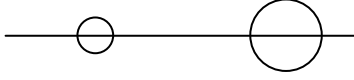
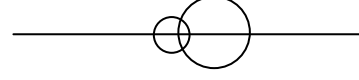
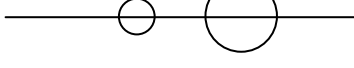
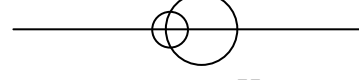

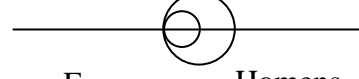

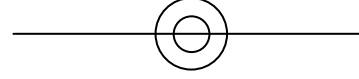
1. Amargura:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
2. Compaixão:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
3. Contentamento:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
4. Esperança:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
5. Excitação:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
6. Fúria:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
7. Irritação:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	
8. Lamentação:								
Branços.....	1	2	3	4	5	6	7	
Negros .....	1	2	3	4	5	6	7	

**PARTE II**

Selecione a figura que melhor representa a sua proximidade com as mulheres.

↓	↓
 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>
<p>Eu                      Mulheres</p>  <input type="checkbox"/>	<p>Eu                      Mulheres</p>  <input type="checkbox"/>
<p>Eu                      Mulheres</p>  <input type="checkbox"/>	<p>Eu                      Mulheres</p>  <input type="checkbox"/>
<p>Eu                      Mulheres</p>  <input type="checkbox"/>	<p>Eu                      Mulheres</p>  <input type="checkbox"/>

Selecione a figura que melhor representa a sua proximidade com os homens.

↓	↓
 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>
<p>Eu                      Homens</p>  <input type="checkbox"/>	<p>Eu                      Homens</p>  <input type="checkbox"/>
<p>Eu                      Homens</p>  <input type="checkbox"/>	<p>Eu                      Homens</p>  <input type="checkbox"/>
<p>Eu                      Homens</p>  <input type="checkbox"/>	<p>Eu                      Homens</p>  <input type="checkbox"/>

7. Pense na questão do sexismo e indique até que ponto concorda com cada uma das afirmações. Utilize por favor a seguinte escala:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo de algum modo	Não sei	Concordo de algum modo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

1. Um homem não se sente completo sem o amor de uma mulher.	1	2	3	4	5	6	7
2. As mulheres, procuram privilégios em nome da igualdade.	1	2	3	4	5	6	7
3. Em caso de uma catástrofe, deve-se resgatar primeiro as mulheres.	1	2	3	4	5	6	7
4. As mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas.	1	2	3	4	5	6	7
5. As mulheres ofendem-se mais facilmente.	1	2	3	4	5	6	7
6. Ninguém é feliz sem ter um (a) companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7
7. As feministas procuram que as mulheres tenham mais poder.	1	2	3	4	5	6	7
8. As mulheres têm uma pureza que poucos homens possuem.	1	2	3	4	5	6	7
9. As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens.	1	2	3	4	5	6	7
10. As mulheres não dão valor a tudo quanto os homens fazem por elas.	1	2	3	4	5	6	7
11. As mulheres procuram poder, exercendo controlo sobre os homens.	1	2	3	4	5	6	7
12. Todo o homem deve ter uma mulher que ele ame.	1	2	3	4	5	6	7
13. O homem está incompleto sem uma mulher.	1	2	3	4	5	6	7
14. As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho.	1	2	3	4	5	6	7
15. A mulher procura controlar o homem que tem um compromisso com ela.	1	2	3	4	5	6	7
16. As mulheres alegam discriminação nas derrotas justas.	1	2	3	4	5	6	7
17. Uma boa mulher deve ser posta num pedestal por seu homem.	1	2	3	4	5	6	7
18. As mulheres atraem sexualmente os homens e depois rejeitam-nos.	1	2	3	4	5	6	7
19. As mulheres têm maior sensibilidade moral.	1	2	3	4	5	6	7
20. Os homens devem promover segurança económica às mulheres.	1	2	3	4	5	6	7
21. As feministas fazem demandas irracionais aos homens.	1	2	3	4	5	6	7
22. As mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto.	1	2	3	4	5	6	7

Apenas para fins estatísticos, pedimos-lhe que responda às seguintes questões de carácter individual.

1.Sexo: M  F

2.Estado civil:

    Solteiro       Casado/União de facto       Divorciado/Separado

3.Idade: \_\_\_\_\_

4. Habilitações literárias: \_\_\_\_\_ anos de escolaridade completos

5.Como se definiria?

    branco/A       negro/a       mulato/A



**Europass-  
Curriculum Vitae**



**Informação pessoal**

Apelido(s) / Nome	<b>REIS DA MOTA NETO D´ALMEIDA, MAYTTÊ BEATRIZ</b>
Morada	Avenida Luis de Camões, 7 0 M 2660-294 Santo António dos Cavaleiros
Telemóvel	962320898
Correio electrónico	mayteebeatriz@hotmail.com
Naturalidade	S. Tomé e Príncipe
Nacionalidade	Portuguesa
N.º Bilhete de Identidade	15444902 emitido a 03/08/2007 pelo Arquivo de Identificação de Lisboa
N.º de Contribuinte	234732288
Data de nascimento	02/03/1981
Sexo	Feminino

<b>Experiência profissional</b>	
Datas	Desde 10 de Agosto de 2010 até a presente data
Função ou Cargo Ocupado	Assistente Operacional em regime de contrato de trabalho a termo certo
Principais Atividades e Responsabilidades	Prestação de cuidados básicos ao doente
Nome e Morada do Empregador	Hospital Curry Cabral Rua da Beneficência, nº 8, 1069-166 Lisboa
Tipo de Empresa ou Sector	Serviço de Ortopedia A do mesmo hospital
Datas	Novembro de 2007 até 10 de Agosto de 2010
Função Ou Cargo Ocupado	Assistente Operacional
Principais Atividades e Responsabilidades	Prestação de cuidados básicos ao doente
Nome e Morada do Empregador	Hospital Reynaldo dos Santos Rua Dr. Luís César Pereira, 2600-178 Vila Franca de Xira
Tipo de Empresa ou Sector	Serviço de Cirurgia II do mesmo hospital
Datas	De 1 de Abril de 2008 a 16 de Maio de 2008
Função Ou Cargo Ocupado	Operador do supermercado
Principais Atividades e Responsabilidades	Atendimento ao público
Nome e Morada do Empregador	Supermercado Carrefour de Telheiras - Lisboa
Tipo de Empresa ou Sector	Hipermercado

**Formação Académica**

Datas	Desde 5 de Junho de 2004 com término Julho de 2011
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Psicologia
Nome e tipo da organização de ensino	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

**Formação profissional**

Datas	10 Abril/ 17 de Maio de 2013
Designação da qualificação atribuída	Curso de Formação Pedagógica Inicial de Formadores
Nome e tipo da organização de ensino	Certificado de Aptidão Pedagógica atribuído IEFP Centro de Cursos Livres –CCL- ISCTE

Datas	5 de Junho de 2009
Designação da qualificação atribuída	“Como Atuar Numa Situação de Urgência: Proteção Pessoal, Gestão de Stress ”
Nome e tipo da organização de ensino	Centro de Formação do Hospital de Reynaldo dos Santos, com a duração total de 2 horas

Datas	8 de Julho de 2009
Designação da qualificação atribuída	“Colóquio Multidisciplinar (Con)vivências em dor: Diferentes olhares, mas perspectivas ”
Nome e tipo da organização de ensino	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa

Datas	18 de Novembro de 2009
Designação da qualificação atribuída	“Prevenção e Controlo da Infecção Hospitalar”
Nome e tipo da organização de ensino	Centro de Formação do Hospital de Reynaldo dos Santos, com a duração total de 7 horas

Datas	26 de Novembro de 2008
Designação da qualificação atribuída	“Prevenção e Controlo da Infecção Hospitalar”
Nome e tipo da organização de ensino	Centro de Formação do Hospital de Reynaldo dos Santos, com a duração total de 7 horas

Datas	2007
Designação da qualificação atribuída	“Colóquio Género e Profissões: Minorias no Feminino e no Masculino”
Nome e tipo da organização de ensino	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa

Datas	14 de Janeiro 2006 a 15 de Julho de 2006
Designação da qualificação atribuída	“Auxiliar de Ação Médica”
Nome e tipo da organização de ensino	Forma Emprega, com a duração total de 224 horas Formação Teórica – Prática: Suficiente Estágio/ Formação Real em Contexto de Trabalho: Muito Bom



Datas	28 e 29 de Outubro de 2004
Designação da qualificação atribuída	“III Encontro de Investigação Em Psicologia Social e Das Organizações”
Nome e tipo da organização de ensino	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
<b>Aptidões e competências pessoais</b>	
Primeira língua	<b>Português</b>
Outra(s) Língua(s)	<b>Francês; Inglês; Espanhol</b>
<b>Aptidões e competências sociais</b>	<p>Espírito de Trabalho em equipa;          Boa gestão de tempo;          Boa capacidade de comunicação;          Boa capacidade relacional;          Boa capacidade de adaptação;          Sentido de responsabilidade e sentido de auto-crítica.</p>
<b>Aptidões e competências de organização</b>	<p>Sentido de organização;          Capacidade de gestão de prioridades;          Espírito de iniciativa.</p>
<b>Aptidões e competências informáticas</b>	<p>Conhecimentos do software Office (Word, Spss, Excel e PowerPoint);</p>
	Mayttê Beatriz d´Almeida